

Estruturas Sociais de Acumulação e a performance da economia capitalista estadunidense do pós-guerra aos dias atuais

José Stênio G . Souza¹

RESUMO

O texto busca se apropriar da interna do corpo de conhecimento relativo à Economia Política Radical de inspiração marxista, portanto distante do ambiente neoclássico, considerando o momento histórico de sua ascensão na academia norte americana, centrando esforços na tese de existência de uma certa Estrutura Social de Acumulação que seria o fundamento crucial para o crescimento econômico.

ABSTRACT

The text seeks to appropriate the internal body of knowledge related to the Marxist-inspired Radical Political Economy, therefore far from the neoclassical environment, considering the historical moment of its rise in North American academia, focusing efforts on the thesis of the existence of a certain Social Structure of Accumulation that would be the crucial foundation for economic growth.

Keyword: movimento estudantil, direitos civis, new left, 'Pax Americana', 'Acordo capital e trabalho'

INTRODUÇÃO

A história do ensino de economia nas universidades americanas, em particular, do Século XX, em realidade é uma história de passagem de um ambiente rico de discussão de ideias variadas em termos teóricos e ideológicos, para um ambiente conservador, perseguidor e de domínio da agenda neoclássica.

NA LINHA DO TEMPO

Na linha do tempo dessa história, em particular no período de entreguerras, o corpo de conhecimento da economia institucional se impunha como uma abordagem produtiva e promissora nos EEUU, que admitia o conhecimento de outras disciplinas na investigação da dinâmica da vida econômica.

Mas, a partir da 2ª. GM, pouco a pouco, a abordagem vai perdendo sua força na agenda de debates, enquanto o ambiente acadêmico se curva ao poder hegemônico neoclássico.

O clima anticomunista se apodera da academia nos EEUU, fortalecido pelo movimento do macarthismo que silenciava a geração de pensadores críticos.

Por outro lado, a esperança renasce com a eclosão do movimento estudantil, da luta pelos direitos civis, movimentos contra a Guerra do Vietnã, e já em 1955, a prisão de Rosa Parks, junto com a voz de Luther King se constituem estopim das mudanças desejadas, cruciais para a gênese da "New Left" no país, e que se espalhou pela academia.

E é neste ambiente histórico que se origina a Economia Política Radical, de inspiração marxista, mesmo que desleixadamente, não enxergue a teoria do valor trabalho, e também se curve à influência de Keynes e dos pós-keynesianos.

Já nos anos 60, Bowles(2000) se enfurecia com o descompasso entre o mundo real e o que os economistas ortodoxos ensinavam na academia, deixando de lado a efervescência das ideias que brotavam como o movimentos estudantil, e em especial, o movimento de defesa dos direitos civis.

A LÓGICA INTERNA DA ECONOMIA POLÍTICA RADICAL

Os pensadores da Economia Política Radical buscam compreender a dinâmica de funcionamento do capitalismo americano em uma perspectiva histórica e centrada no mundo real, e como tal se apropriam de contribuições marxistas, keynesianas e institucionalistas.

A literatura, na academia, revela que os economistas radicais partiram do pressuposto de que o cotidiano da economia real não se explicava pela racionalidade calculista, e muito menos pela força da autorregulação do mercado, ou do individualismo metodológico, Por isso, a crença no papel e na importância das instituições – conjunto de costumes, leis, regras, etc – enquanto mecanismos essenciais da dinâmica das relações sociais de produção capitalistas.

Na academia a “new left” se volta para reflexão sobre temas como racismo, sexismo, imperialismo, desigualdade social, educação, desemprego, sindicalismo e no ano de 1968 criam a Union For Radical Political Economics, advogando a interdisciplinariedade na investigação econômica, porque para além dos elementos econômicos, se impõe os olhares de outras disciplinas como ciência política, sociologia e psicologia.

David Gordon, Michael Reich, Thomas Weisskopf, Richard Edwards, Samuel Bowles, David Kotz, Victor Lippit e Terrence McDonough são os precursores do corpo de conhecimento reconhecido como Estruturas Sociais de Acumulação.

O pontapé inicial de Gordon(1978; 1980) revela o esforço intelectual do grupo de pensadores com a investigação e análise das mudanças macroeconômicas no longo prazo – ondas longas – do desenvolvimento capitalistas, tendo como pano de fundo o papel das instituições, das transformações tecnológicas e dos conflitos sociais.

Portanto, bem distante do ambiente conservador neoclássico.

O corpo de conhecimento se mostrava menos preocupado com a periodicidade das mudanças – ondas longas do capitalismo -, e na realidade, centrava esforço na tese de existência de uma certa Estrutura Social de Acumulação que seria o fundamento crucial para “...o crescimento rápido e estável por um longo período de tempo...”(Gordon, 1978), de tal modo que “...a construção e o declínio de uma estrutura social de acumulação...”(Gordon, 1978) marcariam as etapas das ondas longas do desenvolvimento capitalista no EEUU.

A construção e declínio da estrutura social de acumulação estão no bojo das contradições inerentes à reprodução do capital, e que a sua desarticulação resulta em instabilidade e conseqüentemente a instalação de crises.

O corpo de conhecimento da escola Estruturas Sociais de Acumulação, em síntese está nas obras “Beyond the waste land” de 1984 e “After the waste land” de 1990 dos pesquisadores Saumuel Bowles, David. M. Gordon e Thomas E. Weisskopf.

Os pensadores registram que na essência, o propósito é compreender o papel e a dimensão da estrutura social de acumulação do pós-guerra enquanto condição objetiva para a performance da economia americana, entendida como elemento determinante das etapas do desenvolvimento capitalista.

Entendem que a “Pax Americana”, o “Acordo capital e trabalho”, o “Acordo capitalistas e cidadãos” e “Contenção da rivalidade intercapitalista”, além da inclusão do “Sistema Financeiro” proposto por Lippit(2010) materializam a tal da estrutura social de acumulação do sucesso americano, e resulta de um processo histórico que data dos anos 30 até a década de 70.

A “Pax Americana” diz respeito a excelência e abuso do poder econômico e militar dos EEUU que se consolida com o “Acordo de Bretton Woods”(1944). O marco histórico é a imposição global do dólar como moeda internacional e a criação dos poderosos “Fundo Monetário Internacional” e “Banco Mundial”.

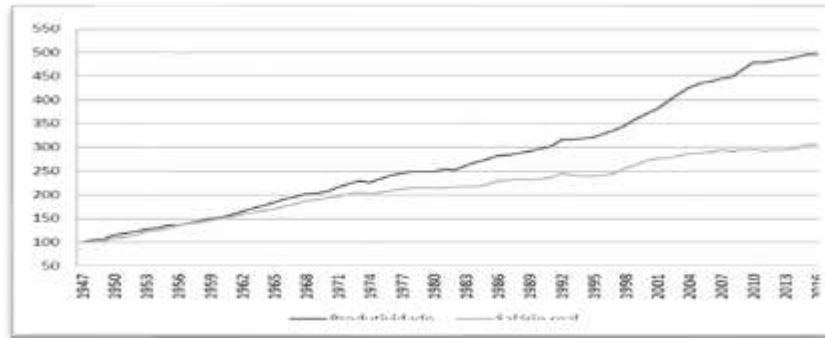
Por trás da “Pax Americana” estão atos violentos, como golpes de Estados organizados pela Central Intelligence Agency e abertura do mercado mundial, condição, absolutamente, determinante para a mobilidade do capital americano no processo de internacionalização do capital.

O “Acordo capital-trabalho” resultou em condições favoráveis à reprodução do capital, talvez pela passividade da classe trabalhadora. Por exemplo, entre 1950 e 1975 ocorreram, em média, 317 paralisações ao ano, enquanto entre 1990 e 2015, a média cai para 25 paralizações(Base de dados “Bureau of Labor Statistcs”).

O “Acordo capitalistas-cidadãos” acenava para iniciativas do Estado no sentido da melhoria do bem estar social e privado, em especial, ampliação dos gastos com educação, infraestrutura e redes de proteção social – seguro desemprego -, em última instância com o propósito de reaquecer o setor privado da economia americana.

O fruto de tal propósito se objetiva no distanciamento entre o crescimento da produtividade e do salário real médio entre 1947 e 2016, conforme abaixo.

Produtividade e salário real médio – setor privado – EEUU: 1947-2016



Fonte: Base de Dados: Bureau of Labor Statistics.

A “Contenção da rivalidade intercapitalista” edificada sob o signo da oligopolização que parece ter iniciado na virada do Século XIX para o Século XX, efetivamente está associada ao domínio econômico dos EEUU, dada a destruição das economias nacionais na Europa, causada pela 2ª. Guerra Mundial.

PREÇO DO SUCESSO DA ECONOMIA CAPITALISTA ESTADUNIDENSE

O sucesso da economia capitalista estadunidense tinha um preço, e cerca de 20 anos depois, as crises já não são eventuais, revelando o desmantelamento da Estrutura Social de Acumulação desenhada sob o argumento de um pretense interesse coletivo.

Os anos 70 e a seguida década perdida revelam, definitivamente, a fragilidade da Estrutura Social de Acumulação enquanto alicerce do desenvolvimento capitalista, talvez porque os pensadores da escola tenham menosprezados as diferenças estruturais - econômicas, sociais, demográficas, culturais e tecnológicas – entre as economias nacionais quando da inserção no processo de globalização.

E seguidores como Kotz; McDonough e Reich (1994), sem nenhuma cerimônia, afirmam que “...a longa duração desse período de estagnação resulta da falha, da incapacidade dos indivíduos sociais em recriar uma estrutura social de acumulação...” considerando não só o novo desenho das forças produtivas capitalistas, assim como das mudanças sociais, políticas, culturais e demográficas na reconstrução da identidade de cada formação social capitalista.

Pior, o propósito de uma nova Estrutura Social de Acumulação está associado a idéia de privatização, de redução dos gastos sociais, de fragilização dos sindicatos e precarização do trabalho, portanto, ainda na crença de que a classe trabalhadora se mantenha passiva nos possíveis acordos entre o capital e o trabalho.

Na perspectiva da escola Estruturas Sociais de Acumulação, o momento histórico de domínio neoliberal, segundo Kotz(2009) caracteriza pela ampliação do hiato entre crescimento e desenvolvimento, notadamente com o aumento da desigualdade social, centralização e concentração do capital e precarização do trabalho, além da subsunção da base produtiva, nas economias nacionais periféricas, ao capital internacional.

A priori, a percepção é de que o tal do Estado mínimo tem se mostrado mínimo em relação à classe trabalhadora, como diz Wolfson; Kotz (2010), se se considera que a política fiscal ao enfatizar cortes de impostos para os ricos e cortes em programas sociais, enquanto a política monetária tem se voltado, prioritariamente para o controle da inflação, deixa de lado os interesses da classe trabalhadora.

Os acordos “capital-trabalho” se mostram bem desenhados aos olhos dos ricos.

Participação do percentil mais rico na renda dos EEUU (1913-2014)



Fonte: Base Dados “The World Wealth and Income Database”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, as críticas se avolumam na direção do corpo de conhecimento da Escola Estruturas Sociais de Acumulação, em particular pela necessidade de retomada da tradição na Teoria Geral de Keynes, e em especial, não perder de vista a Teoria do Valor de Marx.

Enfim, até mesmo expoentes da escola, como David Kotz (2017), recomendam subtrair de seu corpo de conhecimento, a tese de resiliência do neoliberalismo, porque o mesmo está condenado se se mantém o novo desenho de sua estrutura social de acumulação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BOWLES, S.; GORDON, D. M.; Weisskopf, Thomas. *Beyond the Waste Land: A democratic alternative to economic decline* hardcover. Editora Anchor Books, 1983.

BENTO, Amanda M. da S. & FILHO, Marcelo S. B. Análise da escola das estruturas sociais de acumulação sobre a economia dos EEUU entre o pós-guerra e o início do século XXI. in *Revista Teoria e Evidência Econômica*, 24. No.50. pp.26/50, Jan/Junho-2018.

Lippit, V. (2010). *Social Structure of Accumulation Theory*. In T. McDonough, M. Reich, & D. Kotz (Eds.), *Contemporary Capitalism and its Crises: Social Structure of Accumulation Theory for the 21st Century* (pp. 45-71). Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511804335.003

FILHO, Marcelo S. B. de Mello. *Escola Francesa da regulação, escola da estrutura social de acumulação e as etapas do capitalismo*. Tese de Doutorado, UFMP/Cedeplar. Belo Horizonte, 2016.

KOTZ, D. M.; McDonough, Terrence & REICH, Michael. Social structure of accumulation. Cambridge University Press, 1994.

MCDONOUGH, Terrence; REICH, Michael & KOTZ, David M. Contemporary Capitalism and Its Crises: Social Structure of Accumulation Theory. Cambridge University Press, 2008.

1. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento/NAEA/UFPA, professor efetivo da UNIFESSP, coordenador do Laboratório de Inflação e Custo de Vida de Marabá e membro da equipe do LACAM/UNIFESSPA/FACE com foco a elaboração da Matriz Insumo Produto do Pará com recorte regional do Sul e Sudeste. Membro da equipe que criou o Curso de Economia na Unifesspa.